

SUPERNOVA

boletim informativo do CEFISMA

Produção do centro acadêmico da física USP (CEFISMA)

Agosto 2026

Nossa Biblioteca (re)existepág. 2

por *Felipe Sanches*

Biblioteca não é só acervo, não é só prestação de serviço. Biblioteca é comunidade.

Sobre a Grevepág. 3

por *Arak*

Em defesa da legitimidade da greve: democracia, conflito e participação estudantil.

Coletânea de Artespág. 9

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

Relatório do Tempopág. 16

Relatório mensal do tempo em junho e julho de 2026 no IFUSP.

Repasses dos RDspág. 18

Repasse dos RDs das reuniões de agosto da COC-Lic, da CG e da CIP.

Problemas de passa-tempopág. 21

por *Equipe editorial SUPERNOVA*

Divirta-se com um novo problema de matemática e com nossa palavra cruzada temática! Veja a solução do problema de física da edição passada.

Mural de Avisospág. 24

Consulta sobre a sala de estudos. Clube do livro da física. VIII Escola de Inverno Jayme Tiomno. Calendário Eleitoral CEFISMA. Newsletter do Supernova.

Me conta, SUPERNOVA!pág. 27

por *Equipe editorial SUPERNOVA*

Resenhas de obras que a equipe Supernova apreciou.



Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Nossa Biblioteca (re)existe

Cheguei no Instituto de Física, vindo de transferência de outra unidade da USP, há quase um ano. Me deparei com uma Biblioteca em uma situação dialética: é, ao mesmo tempo, um caso único – com uma reforma estrutural e atuação em espaço temporário já perdurando há 3 anos –; e conhecido para alguém que estuda a história das Bibliotecas no Brasil. Mas, como eu aprendi e vejo diariamente se confirmando, das contradições surgem grandes potenciais de atuação prática.

A Biblioteca do IFUSP, uma das maiores e mais relevantes na área de Física no país (com um acervo que demonstra uma marca forte do debate histórico sobre a questão econômica, ética, e política da energia nuclear no Brasil e no Mundo), está com seu espaço original fechado. E, para um olhar desatento, ou menos familiarizado com os debates Biblioteconômicos, seu pleno funcionamento pode estar fora de questão. Afinal, como uma Biblioteca pode funcionar em condições ideais vivendo de inquilina?

Mas é justamente ao enfrentar essas dificuldades que as características centrais de uma Biblioteca, ao meu ver, brilham. Até mesmo em condições ainda mais precárias, as Bibliotecas (re)existem: Bibliotecas rurais, de pequenas cidades, populares, comunitárias, ou até bibliotecas viajantes, limitadas a pequenos acervos, como acontece com o BiblioBurro em algumas comunidades na Colômbia. Vivo, há 4 anos, o

desafio e as potencialidades de uma Biblioteca de Cursinho Popular, limitada a dois armários. Mas essa condição não restringe a efetivação das características fundamentais de uma Biblioteca, como vinha dizendo.

Biblioteca não é só acervo, não é só prestação de serviço. Biblioteca é comunidade, é olhar no olho dos alunos, oferecer um sorriso, uma orientação, uma conversa sobre como anda o curso. Ainda mais em um ambiente universitário, em que se luta tanto por inclusão e pertencimento: as Bibliotecas são parte fundamental desse movimento.

Ser trabalhador de Biblioteca deve passar por ser capaz de criar relações com a comunidade. É colocar um quebra-cabeças para os alunos que saem estressados das provas, oferecer uma balinha, disponibilizar um mural para quem quiser divulgar algo.

Tudo isso não é pra dizer que eu, e todo o resto da equipe da Biblioteca (se me permitem falar em nome do conjunto por um segundo), não esperamos ansiosamente e trabalhamos todos os dias para, em breve, voltar ao espaço original. Mas que seja uma volta com qualidade, com a consciência tranquila de que nunca paramos nossos serviços, e fizemos o melhor possível dadas as condições materiais.

Sobre o autor:

Felipe Sanches é Bibliotecário do IFUSP.



***Gostaria de enviar a sua contribuição para o
Boletim Supernova?***

***Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através
do QR code!***



Sobre a Greve

Em defesa da legitimidade da greve: democracia, conflito e participação estudantil

Para começar, aqui me coloco como um aluno do IFUSP antes de tudo e de todas as entidades estudantis que componho, pois esse lugar me dá legitimidade para questionar também alguns pedestais que surgem propriamente da incompreensão ou desonestidade de atores políticos que escondem atrás de uma neutralidade nunca concretizada, amorfa e pseudo polêmica, a sua própria ignorância. Não colocarei referências ao final do texto, pois não me esconderei num escudo academicista, e no lugar dessa petulância, vou sugerir uma lista de leituras. Para que todos os agentes políticos possam futuramente se encontrar numa mesma página de discussão e não tratado difusa e rasamente pontos tão importantes sobre nosso movimento.

O texto “Pensamentos livres sobre a greve” apresenta uma série de críticas à greve ocorrida no IFUSP e, embora seja legítimo questionar as decisões tomadas durante o movimento, algumas de suas conclusões parecem partir de uma premissa problemática: a de que uma greve só pode ser considerada legítima quando suas decisões correspondem à vontade de todos os estudantes ou quando seus métodos coincidem com aquilo que o autor considera adequado. Impondo de modo mecânico decisões que se deram a partir de um processo complexo, com intensas participações não só dos estudantes do IFUSP, mas a nível USP e até estadual(is).

Antes de entrar nos argumentos específicos, é necessário questionar uma premissa metodológica que atravessa todo o texto. O autor afirma, logo no início, que pretende “ênfatizar os negativos” porque os aspectos positivos da greve já teriam sido suficientemente discutidos anteriormente. Essa justificativa parece razoável à primeira vista, mas produz uma assimetria impor-

tante: o texto admite deliberadamente que fará uma seleção orientada dos fatos e, ao mesmo tempo, utiliza essa seleção para construir uma avaliação abrangente do movimento. Não há problema algum em escrever uma crítica parcial, afinal, um texto de opinião não precisa fingir neutralidade. O problema surge quando se denuncia a parcialidade dos adversários como vício intelectual enquanto a própria seleção de evidências é apresentada como uma análise “pragmática” da realidade. Se o objetivo é realmente avaliar a greve com rigor, não basta procurar os acontecimentos que confirmam sua tese e relegar os demais à condição de assuntos já “esgotados”. Isso é precisamente o tipo de seleção de evidências que, em outros momentos, o próprio autor chama de viés de confirmação e *cherry picking*. A exigência de imparcialidade, portanto, não pode ser aplicada apenas ao lado que se pretende criticar: ou reconhecemos que tanto os textos favoráveis quanto os contrários à greve são intervenções argumentativas, com seus próprios recortes e perspectivas, ou transformamos “imparcialidade” em um critério seletivo usado para desqualificar apenas a narrativa adversária. E há uma diferença fundamental entre dizer “vou apresentar o lado que considero negligenciado” e concluir, a partir desse lado cuidadosamente selecionado, que ele representa a realidade completa da greve.

Por esse motivo, este é, deliberadamente, um texto parcial. Tomo partido, assumo uma posição política e interpreto os acontecimentos a partir de princípios teóricos e políticos que considero corretos. Isso, entretanto, não significa abandonar o compromisso com a honestidade intelectual. Existe uma diferença fundamental entre defender uma perspectiva e falsear a realidade para defendê-la. Ao longo do texto criticado, a parcialidade é frequentemente confundida com desonestidade, como se

todo discurso situado fosse, por definição, manipulador. Discordo dessa premissa. Como marxista-leninista, parto do princípio de que a análise política deve fundamentar-se na realidade concreta. Isso significa que uma posição política não pode ser sustentada por mentiras, omissões deliberadas ou distorções dos fatos, pois essas práticas enfraquecem o próprio movimento que pretendem fortalecer. A legitimidade de uma posição política não decorre da intensidade com que ela é defendida, mas da sua capacidade de explicar a realidade tal como ela se apresenta.

Uma assembleia não precisa representar todos para ser democrática

Uma das principais críticas apresentadas é a de que as assembleias seriam necessariamente enviesadas porque os estudantes favoráveis à greve teriam maior disposição para participar delas. O argumento é interessante, mas a conclusão não parece acompanhar a premissa. É verdade que uma assembleia pode não reproduzir perfeitamente a opinião de toda a comunidade estudantil. Isso, entretanto, não torna automaticamente antidemocrática a decisão tomada a partir dela.

A democracia não exige que todas as pessoas participem de todas as decisões (meia noite eu conto onde um modelo parecido com isso foi experienciado em 1917). Em diferentes espaços coletivos, decisões são tomadas por aqueles que participam de processos previamente estabelecidos. O fato de parte dos estudantes não comparecer a uma assembleia pode ser um problema de participação, mas não significa que aqueles que compareceram deixaram de ter o direito de deliberar, e nesses casos, discutir os temas até a exaustão. Diversas assembleias tiveram 3 horas de duração, e isso com outra ainda sendo colocada no mesmo dia. Isso exigiu extensa organização do Comando de Greve (CG). Quem nos viu no dia a dia, percebeu em

fala e corpo nosso cansaço, mas não recuamos, greve não é coisa de criança (mesmo que até as crianças se manifestaram... enquanto isso a irrelevância dos *grevistas* era dado concreto).

O próprio texto reconhece que uma das razões pelas quais estudantes contrários à greve poderiam não comparecer é justamente o fato de considerarem a mobilização política pouco eficiente ou pouco interessante. Mas isso cria uma questão importante: se alguém decide não participar de determinado espaço deliberativo, sua ausência não pode ser posteriormente transformada em evidência de que aqueles que participaram não poderiam decidir.

Há, portanto, uma diferença fundamental entre as duas afirmações: “A assembleia não representa perfeitamente a opinião de todos os estudantes.” e “A assembleia não possui legitimidade para tomar decisões.”

A primeira pode ser verdadeira. A segunda não decorre automaticamente dela. O processo social não é mecânico, mas sim dialético. Aqui considero valiosa a definição conceitual que utilizo para interpretar a realidade à minha volta. Um método de investigação e raciocínio baseado no confronto de ideias opostas ou contradições. Houvesse realmente um movimento anti-greve colocado no IFUSP, orgânico e respaldado publicamente, ele apareceria nas assembleias e a partir disso a legitimidade da greve, poderia neste espaço deliberativo, ser avaliada, mas não... Os agentes dessa espúria posição preferiram esgueirar-se como cobras debaixo de tons jocosos nos grupos, instituições putrefactas (PM) e cujo fedor arde até mesmo o nariz dos mais valentes carreiristas.

Se havia regras previamente estabelecidas para convocação, quórum, debate e votação, o debate democrático deve começar por discutir essas regras e sua aplicação concreta, e não simplesmente presumir que uma decisão tomada por uma assembleia é ilegítima porque

parte da comunidade não estava presente. Não houve piquete em assembleia, acreditava que o movimento desgrevista enxergaria isso como um ponto positivo, uma vez que evocam a constituição como quem citam a deus em vão, particularmente prefiro a constituinte ainda que tenha as críticas ao seu positivismo...

O argumento da “tirania da maioria” é aplicado de maneira curiosa

O texto afirma que permitir que uma parcela relativamente pequena dos estudantes determine a realização de uma greve seria uma espécie de “tirania do coletivo”.

Mas esse argumento também pode ser invertido. Uma comunidade estudantil é formada por pessoas com interesses diferentes. Em uma paralisação, inevitavelmente haverá estudantes favoráveis e contrários. Se toda decisão coletiva dependesse da concordância individual de todos os envolvidos, praticamente nenhuma ação coletiva seria possível. Esperava mais desse tipo de percepção estando no curso que estou, dado que a história do processo científico não está apoiado no consenso, especialmente a física no século XX, demonstram disputas extensas e polêmicas, sobre os rumos e certezas das interpretações do mundo. Aqui não tenho a vontade de estabelecer a mímica do que foi o processo para algo tão banal quanto uma greve estudantil, ainda que é no mínimo curioso que, sobre a classificação da greve, sendo ela estudantil, se discuta desde pelo menos 1899.

O estudante contrário à greve possui o direito de discordar dela. Isso deve ser preservado. Porém, o direito individual de discordar não implica necessariamente o direito individual de anular uma decisão coletiva regularmente tomada. Esse é justamente um dos desafios da democracia: conciliar dissenso individual e decisão coletiva.

Portanto, dizer que a greve prejudica estudan-

tes que não concordam com ela não demonstra que a greve seja ilegítima. Demonstra que greves possuem custos e esse é justamente um dos motivos pelos quais elas são instrumentos de pressão. Adiantando a finalidade, a greve, por vezes se justifica a partir das defesas do diametral, dicotômico e oposto. Declarada a greve e suas reivindicações, quem discorda, defende o que? Qual o contraste? Das raríssimas vezes que foram colocados, foram suinamente expostos, da mesa de condução das assembleias era perceptível até mesmo o dissenso entre a posição anti-grevista. O processo que achei, inclusive, no mínimo curioso.

Uma greve que não produz nenhum impacto dificilmente produziria pressão suficiente para alterar qualquer coisa. O autor dedica grande atenção aos piquetes e argumenta que impedir o acesso às aulas seria incompatível com determinados princípios jurídicos. Ora, faço um apelo para autopreservação intelectual, a constituição por mais letra morta que tenha não pode ser vilipendiada dessa forma, é ultrajante pra mim vir aqui num texto, enquanto comunista ter que fazer uma defesa da constituição, mas é necessário dado que a posição contrária é pura e simplesmente uma distorção, uma dobra, uma negligência!

São questões diferentes. Uma coisa é perguntar: “Determinado piquete ultrapassou os limites aceitáveis de uma manifestação?” Outra, completamente diferente, é perguntar: “A greve estudantil é um instrumento legítimo de mobilização?”

Me pergunto inclusive se esse malabarismo retórico abre espaço para discutir outros aspectos jurídicos urgentes como o **Imposto sobre Grandes Fortunas (IGF), O Fundos de Amparo e Redução de Desigualdades**: Vários princípios programáticos que vinculam a ordem econômica para a eliminação da pobreza e à redução das desigualdades sociais e regionais

(art. 170 e art. 3º); **Condições de Trabalho e Salário Mínimo:** O art. 7º, inciso IV, estabelece que o salário mínimo deve atender a necessidades vitais básicas (moradia, alimentação, educação, saúde, lazer); **Reforma Agrária (artigos 184 a 191).** E do jeito que a burguesia administra o país, poderia falar por mais páginas, mas para isso me concentraria no cerne da questão, e não citando leis depois de rolar um d20, a meu belo prazer.

Uma resposta negativa à primeira pergunta não produz automaticamente uma resposta negativa à segunda. Lembro a todos os leitores que durante todo o processo, o piquete existiu na sua maior expressão no dia 14 de abril, e no dia seguinte, 15 a data do EUF, já normalizamos tudo, durante toda a greve também garantimos que os estudantes que iam apresentar as suas teses e não houve um único incidente relatado nesse período, como membro do CTA conversei com os professores que tinham essa necessidade e tratamos deles.

O próprio texto reconhece que "não vimos muitos piquetes agressivos no IF durante esta greve". Isso é importante porque enfraquece a tentativa de transformar episódios específicos em característica geral do movimento. Além disso, o fato de uma manifestação possuir métodos controversos não significa que sua reivindicação deixe de existir. É perfeitamente possível criticar determinada forma de protesto e, simultaneamente, reconhecer a legitimidade da reivindicação que motivou o protesto.

A "Lei de Greve" e a situação estudantil

O autor reconhece que os estudantes não são trabalhadores e que a legislação de greve foi concebida para relações trabalhistas. Ainda assim, utiliza a Lei nº 7.783/89 como parâmetro para avaliar determinados comportamentos durante a greve estudantil. Se os estudantes não estão submetidos à mesma relação jurídica existente entre trabalhadores e empregadores,

então é necessário justificar quais princípios daquela legislação podem ser transpostos e quais não podem. Não basta citar uma norma trabalhista e concluir que uma conduta estudantil possui exatamente o mesmo estatuto jurídico. com isso o que quero dizer é que até mesmo a interpretação dessas duas vias é uma zona cinzenta, isso precisa ficar claro, pois da maneira que está posto no texto, parece haver uma seleção para quando aplicar a constituição e quando não pode. À isso atribuo a ineficácia em disputar em termos reais as respectivas posições, pois teoricamente ela pode ser perfeita e imaculada, a pergunta é: "ela passa pelo crivo da realidade?".

E isso é particularmente importante porque o próprio argumento do autor depende da distinção entre estudantes e trabalhadores. Se a distinção é relevante para negar a existência de um direito de greve estudantil nos mesmos termos, ela também precisa ser considerada quando se tenta transportar as limitações jurídicas previstas para greves trabalhistas.

Agora, se a perspectiva do autor foi de fazer uma crítica totalizante a estrutura e relação jurídica de modo a fortalecer a classe trabalhadora e viabilizar reformas mais fáceis, que avancem a classe trabalhadora a uma situação de pleno poder, plena democracia, que os estudantes sejam braço auxiliar da classe trabalhadora, retomando o passado histórico da fundação da UNE em 1937. Afirmando que greve sequer é o melhor instrumento para isso, pois greve É TÁTICA, NÃO ESTRATÉGIA! Aqui, onde prezo pela honestidade e não ingenuidade, sabemos que não foi essa a perspectiva.

O argumento do reitor também não é prova definitiva

O texto utiliza declarações do reitor para reforçar a hipótese de que a greve teria sido instrumentalizada por organizações políticas. Mas o relato de uma das partes envolvidas em um

conflito não pode ser tratado como prova independente daquilo que essa própria parte afirma. Fosse isso não estaríamos agora com um GT sobre a questão dos espaços estudantis, que eu componho inclusive, com a reitoria, através do Marcos Neira, colocando que a minuta não foi exatamente a melhor forma de colocar a questão. Convenhamos gente, aquilo era uma desgraça ferida, parecia até mesmo que o reitor queria greve...

O reitor possui sua própria perspectiva sobre a greve e seus próprios interesses institucionais. Isso não significa que seu depoimento seja falso, ainda que para quem acompanhou o processo, percebeu que até mesmo os docentes não se agradaram muito da condução que ele estava fazendo em diversas das situações!

Aliás, o próprio texto termina defendendo justamente que devemos "comparar fontes diversas" e "identificar vieses". Esse princípio deveria ser aplicado também às declarações utilizadas pelo próprio autor para "sustentar" sua crítica.

A presença de organizações políticas não torna uma greve ilegítima

Há ainda uma questão que aparece diversas vezes no texto: a associação entre o movimento estudantil e organizações políticas. De verdade, abrindo o coração, é de uma pateticidade atroz. Me encontro numa situação, que participei da greve como um ente humano, estudantil, um corpo político antes de tudo, diria que em diversos momentos sequer me portei como UJC/PCBR, pois sempre o que está no meu horizonte é o meu compromisso é com a construção revolucionária, diária e exaustiva que o socialismo exige. Um compromisso com a revolução proletária, não com um partido! Acredito sim, que a forma partido é a única forma de concretizar esse processo.

Mesmo que determinados grupos partidários tenham participado ativamente da mobilização,

isso não é suficiente para demonstrar que a greve foi uma criação artificial desses grupos. Movimentos sociais e estudantis historicamente são compostos por pessoas politicamente organizadas e por pessoas que não possuem filiação partidária. A presença de militantes não transforma automaticamente todos os demais participantes em instrumentos dessas organizações, colocar dessa forma inclusive ofende a ala independente do movimento. Não existe um conceito de órfão político, não só é necessário sustentar os pontos e convicções, tem que amadurecê-los.

Além disso, uma pessoa pode participar de uma organização política e, simultaneamente, defender uma reivindicação legítima. Para demonstrar "aparelhamento", portanto, não basta demonstrar que militantes participaram da organização. Seria necessário demonstrar que as reivindicações e decisões do movimento foram determinadas por interesses externos contra a vontade dos próprios estudantes... e aí o contorno avaliado não está encerrado dentro dos corredores do IFUSP. Mas diria que está numa envergadura do Vale do Paraíba à Ilha Solteira. Pois a greve na USP, unificou a luta das estaduais e elas pararam inteiras.

E há uma ironia importante: o próprio texto reconhece que o CAF, que apresentou críticas ao aparelhamento, era favorável à greve. Isso mostra justamente que a existência de divergências políticas internas é compatível com a existência de um movimento estudantil real e plural.

Assembleia não é pesquisa de opinião, Comando de Greve não é DataFolha

A proposta de substituir as deliberações presenciais por mecanismos de votação online aparece, à primeira vista, como uma solução evidente para o problema da participação: se poucos estudantes comparecem às assembleias, bastaria permitir que todo o corpo discente vo-

tassem remotamente. Essa conclusão, entretanto, parte de uma concepção excessivamente restrita de democracia, na qual a legitimidade de uma decisão seria determinada fundamentalmente pelo número de indivíduos capazes de registrar uma preferência.

A substituição desse procedimento por uma votação eletrônica não necessariamente democratiza a decisão. Pode, ao contrário, reduzi-la à agregação de preferências previamente formadas. Não estamos diante de duas alternativas estáveis, previamente definidas, entre as quais o eleitor simplesmente escolhe aquela de sua preferência. Durante uma greve, as próprias alternativas estão em disputa.

Além disso, a defesa do voto online parte de uma premissa aparentemente simples, no entanto equivocada: se poucos estudantes participam das assembleias, basta transferir a votação para a internet e, assim, ampliar a participação. Ora, o problema é que essa conclusão reduz a democracia à mera agregação numérica de preferências. **Uma assembleia não é simplesmente uma urna física: é um espaço de deliberação política.** Nela, os estudantes não apenas votam; acompanham a exposição dos argumentos, questionam as posições apresentadas, apresentam contrapontos, formulam propostas e podem modificar sua própria posição diante da discussão coletiva. É justamente essa dimensão deliberativa que coloca no centro a legitimidade democrática: a decisão não depende somente de quantas pessoas escolheram determinada alternativa, mas também das condições sob as quais suas preferências foram esclarecidas.

Além disso, o voto online não elimina a influência política que supostamente tornaria as assembleias ilegítimas; ele apenas a desloca para um lugar em desconformidade. Alguém continuará tendo de definir a pergunta, as alternativas, o momento da votação, quem poderá vo-

tar e quais informações serão apresentadas. A diferença é que, na assembleia, essa construção ocorre publicamente, podendo ser questionada pelos próprios participantes. Em uma plataforma digital, uma parcela significativa dessa arquitetura da decisão fica incorporada ao próprio sistema. Portanto, não existe fundamento para tratar o voto online como um mecanismo neutro capaz de revelar uma suposta “vontade verdadeira” dos estudantes.

Há ainda uma questão material: o voto pela internet introduz problemas específicos de segurança, sigilo e verificabilidade. Existem dificuldades próprias dos sistemas de votação pela internet relacionadas à integridade dos votos, à segurança dos dispositivos, à confidencialidade e à possibilidade de auditoria independente. Isso não significa afirmar que toda votação online seja fraudulenta, mas significa que sua adoção não pode ser apresentada ingenuamente como uma solução democrática sem considerar os problemas técnicos que ela própria cria, as próprias propostas recebidas tinham encaminhamento de deixar com que o IFUSP gerissem elas. Ora, um apelo à inteligência novamente, não precisamos ser membros da conferência de Savoy para perceber o quão estúpida essa medida seria, além de representar um peso ainda maior para um instituto que male male tem reunião com representação discente. . .

Assim, não sou contrário à utilização de tecnologia para **ampliar** a participação estudantil, inclusive utilizamos ela extensamente em TODAS as assembleias. Sou contrário à ideia de que a solução para as limitações das assembleias seja substituir a deliberação por uma enquete eletrônica. **Mais votos não significam necessariamente mais democracia.** Uma decisão política não se torna mais democrática simplesmente porque mais pessoas puderam clicar em uma alternativa; ela se torna mais democrática quando mais pessoas podem participar de maneira consciente, informada e efetiva do pro-

cesso pelo qual aquela decisão é construída, e para isso temos os placares das assembleias, pois a assembleia da greve de 2026, teve para base de 100 votos a mais em concordância, quando comparado com 2023, isso sequer foi citado nas trocentas referências públicas e não misteriosas. Se há problemas nas assembleias, devemos democratizá-las, não esvaziá-las. A tecnologia pode servir à organização e à transparência da deliberação; não precisa transformar a política em mera contagem de preferências.

É nesse sentido que a proposta do voto online deve ser criticada: não porque a tecnologia

seja intrinsecamente antidemocrática, mas porque a transformação da deliberação política em mera agregação eletrônica de preferências representa um empobrecimento da própria participação que se pretende ampliar, e honestamente coloquem suas posições, a questão é realmente participação quando se pensam nesses processos, ou o que está sendo debatido aqui é uma performance, um não assunto, um monólito que observa de longe sem interferir em nada. Pois a realidade é essa, a falsa polêmica sequer conseguiu consolidar o voto de quem já estava vencido galera.

Sobre o autor:

Arak é aluno do IFUSP.

Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

Avelã
Evelyn

Hoje, durante o café da manhã, notei-me lembrando de um passado distante. Já a algum tempo sou um homem velho e cansado, mas houveram dias em que já tive grande destaque. Desde cedo, interessei-me em estudar a mente humana e seus espectros de maneira profunda. Tal foi essa fascinação, que dediquei um longo período ao aprendizado da psicanálise.

Quando era jovem, consegui meu primeiro emprego na área, em uma clínica especializada. Cidade pequena, poucas pessoas. Recebi como minha primeira paciente uma garota. Já não me lembro de seu nome ou sua aparência, mas tenho gravado em minha mente cada uma de suas palavras.

Ela chegou em um dia comum, com pouco sol. Me confessou que vinha por ordem dos pais, queriam que procurasse atendimento. Tinha nas mãos doces feitos de *avelã*. De início, jul-

guei que se tratava de uma daquelas situações recorrentes de pais distantes e criança mal compreendida. Com certo tempo de escuta, compreendi. De fato, ainda era criança, sentia-se como uma.

Nos primeiros dias, tinha seu rosto claro em minha mente. Mas então, passaram-se 2 ou 3 semanas e a cada vez que a via, seu rosto se tornava menos nítido, mesmo com sua presença rente aos meus olhos. Era tanta dor, tanta mágoa, que a cada palavra dita de sua boca, todo esse sofrimento tomava a frente, a ofuscava e falava em seu lugar. Não sobrava nada de si. Era uma garota tão frígida, tão ausente. Mas ao mesmo tempo era alguém de dentes e músculos.

Me contava de sua vida entre entrelinhas, mas não sem antes dar dezenas de voltas entre detalhes que não diziam respeito a ela. Os animais de rua, a roupa social do vizinho estendida no varal, o livro que o homem do ônibus estava lendo, o ambulante que cantava no meio

da feira. Observava tudo, sentia tudo. Notava as coisas e pessoas com quem ninguém se importava.

Com o passar dos dias me mostrou cada vez mais sua visão das coisas, sem que eu sequer compreendesse. Dizia-me que temia estar desaparecendo. Via o próprio corpo em diversos fragmentos. Não se reconhecia como *alguém* propriamente dito. Sua dismorfia corporal pintava em sua própria mente uma mulher unidimensional.

Seus relatos eram intensos, sua angústia era pautada em *alguém* que estava o tempo todo pensando demais, apreciando demais. Porém, ao mesmo tempo, seu corpo não acompanhava todo esse sentir. A própria natureza a sabotava. Afinal, ela via tudo, mas *ninguém a via*. Na cidade, era como se não existisse. Não passava de uma espectadora invisível.

A mulher unidimensional, morava em um bairro que ninguém sabia o nome, nem mesmo seus pais (que a essa altura já haviam se esquecido dela). Em outro tempo, já havia levado uma vida linear e consistente, que desandou por sua própria conta. Começou devagar, sem que ela percebesse. Passava horas no chuveiro quente, tentando aquecer um frio de alma. Ficava dias sem comer. Dormia por finais de semana completos.

Os pais haviam se esquecido, a cidade havia se esquecido. Ela estava se esquecendo de si! Seus dias alternavam entre passagens lentas que duravam anos ou um simples estalar de dedos. Me confessava que às vezes vivia uma vida inteira em uma única tarde sentada no meio fio. Me dizia que evitava sair às ruas, porque chorava de maneira incontrolável. Imaginava a vida das pessoas, seus filhos, empregos... Se angustiava pelas angústias alheias, por cargas que não era capaz de suportar.

Foi então que em um dia qualquer, com muito

sol, olhei pela janela. Sentado em minha sala, de repente notei: Ela havia sumido para mim também. Quanto tempo havia se passado? Como eu não havia percebido? Desesperado corri, procurei, li e reli. Havia deixado passar. Ela havia passado por mim também.

Já não me recordo tão bem de certos detalhes, porém, depois de tanto tempo, posso confidenciar: A mulher unidimensional poderia ser a única pessoa *sã*, todos os outros (nós), vivíamos adoecidos. Fui infectado também. Fui me esquecendo. Passei a envelhecer.

Passaram-se dias até que cada fragmento desaparecesse de mim. Primeiro seu nome, depois sua voz, e por último seu rosto... Até que não sobrou mais nada além desse breve relato, imortalizado nas memórias de um homem agora idoso.

Poema a um Camarada **Escobar**

Dias terríveis
Dias de frio
E então, de repente, tudo vermelho sangue
Uma palavra de ordem é dita num espaço vazio

Galopes de cavalo ao longe intensificam o som
com o passar do tempo
Eles estão vindo.

Mas enquanto chegam, um grito pelo poder popular ecoa
Vozes unificadas em um coro
Nenhum jogral se faz necessário

O povo clama pela revolução
E você, camarada, é a quem confio minha vida
Nas trincheiras ou nas críticas
Nas festas ou nos atos

Eles chegam, tentam impedir nossos sonhos
Mas unidos, os derrotamos
Todo o povo unido pela humanidade
Sem amarras nem correntes

Aquele sangue do início volta a circular em minhas veias
Agora mais forte, mais vermelho
A hemoglobina se torna oxihemoglobina tão rápido quanto encho meus pulmões
Um objetivo, um horizonte no futuro
E no fim do dia, beber cerveja com meus camaradas
Ei, camarada
Me chame de Escobar
Sei pouco ainda de cada um dos três pilares do marxismo
Mas iremos aprender todos unidos
Não sei falar com pessoas desconhecidas
Mas camaradas não são desconhecidos
Venceremos a opressão
Construiremos um novo futuro
E então, poderemos sorrir numa tarde assistindo o pôr-do-sol tornar o céu vermelho

Desconversa **Steps**

A palavra atrofia em cada apóstrofe,
onde aglutina o sentimento,
ela sintetiza e estiliza por um instante,
o seu jeito cinzento.

E você me confunde dizendo
com seus trejeitos isentos.

As vozes na minha cabeça
elas não tem sentido que se ofereça.

Cada sílaba em seus lábios
são o quê?

As nuvens da sua Lua
ventam quais histórias cruas?

Carcaça **uhtrA**

Peço perdão por todos os danos emocionais
Que causei
Minha intenção nunca foi machucar os animais
E toda a carne que usei

Eu precisei
Para deixar o mundo para trás

Eu sei que um pedido de desculpas não vai me salvar
De todo o amor que eu quebrei
Apenas para tentar resgatar
A mesma criança que deixei escapar
Quando o mundo enxerguei
Meus olhos fechei
E toda poesia que existia
Eu julguei como mentira

Perdoe-me pelos meus erros
E por chorar falsamente em enterros
Por mentir a esmo
Quando o contexto
Não me favorece mesmo

Perdoe-me por queimar meus sapatos
Na frente de pessoas fracas
Apenas para atiçá-las
A me amar
A querer amar
Os defeitos preciso superar
Ou amar
Não sei mais o que pensar
Mas reconheço que minha carcaça é maior
Do que qualquer arte singular
Capaz de me consertar
Eu não posso mudar
Meus ossos
Não irão sair do lugar
Para que eu me sinta
Novo
E de novo
Vou quebrar

Então já adianto
Não acredite
No meu falso canto
Por ajuda
Nada do que eu falo realmente existe
Eu não existo

Ouvi falar que você me amava nas ruas

Jura ?
 E elaboraram pinturas inseguras
 Da minha face até eu perder a releitura
 Minha carne agora fragmentada em nervuras
 E meus amigos com suas paixões prematuras
 Quem sou eu
 Senão a carcaça
 De minha alma exposta e impura ?
 É loucura
 Pensar
 Demais
 É mais louco ainda
 Nada pensar
 Para se esconder dos demais
 E eu já não sei mais
 Se existe vida
 Longe de quem eu me tornei
 E se posso voltar
 Eu nunca saberei
 Porque eu não quero saber
 E não quero voltar a ser
 Ninguém
 Desculpe-me.

Sobre o autor:

ruhtrA gosta de água com gás e limão

Esse é um lembrete

Ana Beatriz

para quando não estivermos na mesma página
 ou naquela calçada,
 para quando você me encarar de longe
 e eu não te desejar tanto assim,
 para quando o tremor dos carros no asfalto na
 verdade me lembrarem
 que meus olhos ainda fecham
 e quando o cheiro cinzento me recobrar os sen-
 tidos

esse é um lembrete
 de que você não me tem
 e eu também.

Sobre a autora:

Ana Beatriz é autora de "Se você pudesse me ver"

**Gostaria de enviar a
 sua contribuição para o
 Boletim Supernova?**

**Mande seu texto ou sua arte
 para a próxima edição
 através do QR code!**



Labirinto **N.**

Estorvo da alma,
 Pensamentos flutuantes,
 Pudera eu falar-te em primeira pessoa,
 Diria como penso ter um caráter avesso a pre-
 dicados...

Levanto-me, sento-me, reflito:
 Estar mal disposta, e portanto inclinada à meta-
 física.
 Que saberia eu de metafísica?
 Indigna.

A realidade por uma janela **André**

I. A mancha e a janela

Orfeu acordou e contemplou o teto. Era o mesmo de sempre, uma visão amarelada com uns descascados aqui e ali, e a grande mancha negra bem no centro. Ele olhava pra ela e ela olhava de volta. Via ela em toda sua comple-
 tude, conhecia sua escuridão e suas sinuosida-
 des, porque no fundo sabia que ela era a única coisa que poderia conhecê-lo de verdade. Se mexeu na cama para confirmar se ainda estava vivo, e depois de ter sua certeza, levantou. Caminhou lentamente até o seu lugar de direito. A cadeira frente à janela. Uma cadeira de madeira simples, com uma perna levemente encurtada, frente a uma janela mais simples ainda. Um quadrado perfeito cuja diagonal nunca po-
 deria ser precisamente calculada. Toda vez que

ele se sentava ali sentia a mesma paz. Se via livre dela, por mais curto que o tempo fosse, e também era livre de si. Por meio das janelas pelas quais sua alma fugia pouco a pouco, ele estava liberto de toda a sua realidade. A noite ruía lá fora. Não a noite verde ou a azul, a noite negra. Mesmo do conforto de sua cadeira frente à janela no topo de sua torre inalcançável, ele podia sentir a brisa gelada que assolava o mundo janela afora. Alguns poucos insetos cantavam timidamente, como se com medo do que a neblina pudesse esconder. 1,2,3; 1,2,3 ele tercinava pra frente e pra trás em sua cadeira enquanto tinha visão alta de tudo. Parou sua música quando um som em específico chamou o seu ouvido. Um murmúrio nada natural que fez um corte limpo e profundo na tristeza da noite. Os insetos se calaram e ele pode se concentrar no som até finalmente entendê-lo: era uma risada! Quanto tempo fazia desde que ele não tinha a oportunidade de sequer pensar nesse tipo de alegria, quanto mais ouvi-la? Cerrou os olhos a fim de distinguir na escuridão quem dava forma a esse canto, e viu uma figura bem no meio da rua reta que se estendia sem fim para ambos os lados. Era uma moça, envolta em um manto mais escuro que a noite, e que brincava e ria com um pequeno embrulho em seus braços. Coberto com um tecido cor de sangue, um bebê sorria e gargalhava a cada toque da mulher, e os ecos de suas risadas foram sentidos nas fundações imaginárias da torre de Orfeu. Ele não pode deixar de se comover com a cena, e em um momento de alegria despreocupada e felicidade por poder presenciar tal cena, soltou um suspiro de alívio. Então ela parou. A dama da noite se levantou de supetão e toda a alegria foi silenciada. Orfeu abafou um grito com as mãos quando se deu conta de seu descuido: ele fora percebido. Ela fitou Orfeu com olhos que perfuraram todas as barreiras atrás das quais ele achava estar seguro, transparente, inexistente, e olhou em sua alma. Ele se imaginou nu enquanto sentia o olhar dela

percorrer cada centímetro de si por dentro. Sentiu quando seus olhares se cruzaram, e observou os belos olhos verdes que o examinavam com tanto afincio. Viu quando suas mãos cor de sol se agarraram ao seu manto enquanto sua feição se transformava, sem cortar contato visual por um instante que fosse. Onde antes havia uma bela dama com a silhueta esculpida no contorno da noite, um homem se estendia imponente, com sua forma contrastando com o horizonte. Seus olhos ainda o observavam enquanto Orfeu deixava de sentir desespero e passava a se sentir desconcertado. Com um olhar verde de piedade, o lindo homem aconchegou o embrulho em seu peito e avançou em direção à praia que a neblina agora revelava. Desapareceu em silêncio no mar, ao som do rebento das ondas. Logo a neblina varreu a realidade novamente, e sem que soubesse como, Orfeu já estava deitado. Ele contemplou o teto e dessa vez viu estrelas. Pensou que finalmente obteria seu descanso, mas as estrelas então deram lugar a um par de olhos verdes que o perseguiriam em qualquer sonho.

II. Sob o peso do céu

De onde estou, consigo ver Orfeu. Preso no topo de sua torre rodeada de seus sonhos, ainda aguardando por um amanhã que nunca vem. Ele permanece em sua janela, observando o horizonte e tecendo a realidade a seu bel-prazer. Totalmente alheio ao que acontece aqui embaixo. Ele nunca saberá que enquanto ainda anseia pelo toque das marés, a linda moça e o belo homem partiram, de mãos dadas. Que mesmo enxergando apenas o que ele quis ver, seu controle começa e acaba dentro de si. Que o peso do céu nunca será tirado de suas costas por mão alguma, pois foi ele mesmo quem o colocou. Digo pois eu vi Vi quando ainda sonolento ele pulou de sua janela em direção aos céus. Dançou por entre as nuvens e estrelas, como tantas outras noites também fez desde que se prendeu naquela torre.

Orfeu vive e viverá prisioneiro de grilhões feitos de sombra; Desapareceriam ao menor presságio da vinda da luz, mas a essa a entrada na torre não foi permitida. Logo pela manhã ele retornou ao quarto e se posicionou em sua janela como se nada tivesse acontecido. Olhou o amanhecer sobre as águas e lamentou que nunca poderia sair para tocá-los.

III. (Nada será como antes)

quando eu olhar pro teto do meu quarto e ver estrelas, ainda vou me lembrar do seu olhar vou sentir todos os lugares por onde você passou formigarem apenas lembranças marcadas em meus ossos a linha nunca vai ser cortada, isso é maior que nós dois mas a fragilidade da sua torre é suficiente para nos apartar pra sempre e de manhã estarei sozinho novamente entre quatro paredes, uma cadeira, uma janela e duas mãos vazias não sei quem eu era antes de mim, mas me tornarei algo diferente e digo antes de mim pois você nunca existiu fora daqui vai retornar pra ideia de onde não deveria ter saído.

内心孤独 (nèixīn gūdú)

Aiber Antunes

Uma imagem me vem à mente: um senhor chinês traduz porcamente para o inglês um belíssimo poema escrito em mandarim, e recita-o a um cavalheiro britânico em sua presença. O chinês deixa ser perdida, na tradução, toda a nuance que sua língua materna carrega em seus tradicionais ideogramas. Ao final, o que os homens têm é uma tentativa frustrada de transladar o texto original a um lugar de compreensão comum a ambos, estrangeiros que são um ao outro.

Mas é impossível, a tarefa. É impossível.

Triste é a condição do senhor chinês.

Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Andanças

Parte I

Goularte de Almeida

Dois corpos. Um busto alto sob uma pesada cabeça ornamentada de uma negra e longa cabeleira. Braços que alcançam abaixo da cintura, pernas de fortes músculos, pés tortos. Dois pulmões, dois rins, apêndice retirado. Um útero, Síndrome do Ovário Policístico, duas manchas roxas na barriga. Um vestido branco e curto, um boné preto, dois brincos na orelha direita, apenas. No rosto, algumas espinhas, os olhos levemente inchados – são ainda 8 horas. Um busto alto sob uma cabeça careca. Braços fortes, alguma coisa escrita em árabe no antebraço esquerdo. Uma bexiga, um intestino de funcionamento conturbado, amigdalite estreptocócica, uma próstata. Calça larga e cinza, um cigarro, dois chicletes no bolso. Uma professora e um arruaceiro, uma prostituta e um marceneiro, uma mulher e um homem – não! Nada dessas coisas! Apenas isto: dois corpos.

Me deixo aquecer pela timidez desta fogueira, sob o som das estrelas. Muito provavelmente um desses momentos n'onde o que nos atinge é um êxtase desocupado, uma espécie de sobreolhar de quem perdeu recentemente a obrigação do ofício. Tem mesmo sido cada vez mais frequente a me buscar, este insuflar-de-mim! Vê que são cada vez mais alheias todas estas reivindicações. Já não pertença mais a nada, já sou uma qualquer coisa desencaixada, irremediável, incompreensível. Por vezes me agrada

brincar, inverter as coisas, fazer convites absurdos, encontros desobjetivados, sinais dúbios – estar sempre *entre*, nunca *em*. Entre o homem e a mulher, o miserável e o esnobe, o gênio e o tolo, o cão e o mendigo. Estar entre por estar além, para ridicularizar, pois já não me comunicam senão sua fragilidade. Esse desencaixe, esta perversa perdição, me parece a mãe da criação. Preciso criar: como um bandido que foge em meio aos trilhos, lançado ao ensurdecer das máquinas sem o ticket de passagem, não fui eu mesmo lançado neste mundo? É preciso viver – é tudo que anseio.

Anseio viver – ó! Mas isto é criar! “Em cinco anos, fazer uma viagem” – mas cada instante dos cinco anos tem de ser vivido, com suas tensões, prazeres e dores. “Namorar aquela garota” – vejo-te já contando aos teus sobre o namoro. Mas toda a relação tem de ser vivida! Os risos, as brigas, o afeto – tudo isto tem de emergir, não há nada ainda! Assim fomos ensinados a desejar: desejamos o que pode ser enumerado, contado, enunciado – ou melhor, desejamos a enunciação mesma! E, assim, mediamos tudo por esses signos comuns, engavetamos toda a vida nessas caixinhas, suprimimos

a vida para dizer que vivemos. Nada disto, contudo, aprendi completamente. A mim sempre faltou uma parte, mesmo quando mais pertencente ainda parecia estrangeiro. Eis que agora vejo voltar-se cada momento meu a si, esta vida que se gera com uma força que me engole: a desejo ardentemente. Mas isto é criar.

Do viver, frequentemente a beleza me leva às lágrimas. Como me agradaria olhar-te nos olhos e dizer: “Venha! Vamos criar nossa relação, nossa história, nosso caminho – eterno caminho!” Vejo-te tão aflito, tão encaixado, quase parece inteiro. Pegasse, contudo, o menor dos martelos, deformasse-lhe um pouco a cabeça e um pouco o joelho – ó! Quão logo todo te despedaçarias, e te verias obrigado a criar: pois a morte é tediosa! E virias comigo experienciar esse mundo como uma criança sob a égide de sua inocência. É também inverterias, mentirias, brincarias e ridicularizarias: pois também não estás em nada! Rasga, eu o clamo, deste buraco no pano a roupa toda! E então também a vida se abriria a ti como um rio ao que se pula de alta pedra; e sentirias o terrível medo e gozo de evocá-la, engoli-la, fundir-se a ela como em mergulho.



Cerejeiras
Cassia Komai



Pássaros
Cassia Komai

Relatório Mensal do Tempo - Junho e Julho/2026

Os meses de junho e julho em São Paulo geralmente são marcados pelas baixas temperaturas, sendo tipicamente os dois meses mais frios do ano. Devido à ocorrência do solstício de inverno em 21/06, também costumam ser os meses com menor incidência de radiação solar na cidade. As precipitações ocorrem predominantemente de forma organizada, geralmente com a passagem de algumas frentes frias pela cidade.

Neste junho de 2026, observamos principalmente a tendência das baixas temperaturas durante a tarde, com máximas em 8 dos 30 dias do mês não atingindo a marca dos 20°C. O destaque fica para os dias 24 e 25/06, quando as

máximas ficaram na casa dos 13°C, o que é bastante incomum de ocorrer em dias consecutivos, marcando um período com forte sensação de frio. A temperatura média observada neste junho na estação meteorológica do IFUSP, localizada no topo do edifício Pelletron, foi de 16,7°C, e a precipitação total foi de 125,5 mm. A Figura 1 mostra as temperaturas observadas em cada hora do mês no IFUSP, onde vemos em destaque os dias frios já citados (24 e 25/06), e um período mais quente predominando a partir do dia 27/06. A temperatura mais baixa registrada no mês foi de 10,5°C ao amanhecer do dia 25/06, e as mais altas ocorreram nas tardes dos dias 27, 29 e 30/06, empatadas com a máxima de 26,8°C.

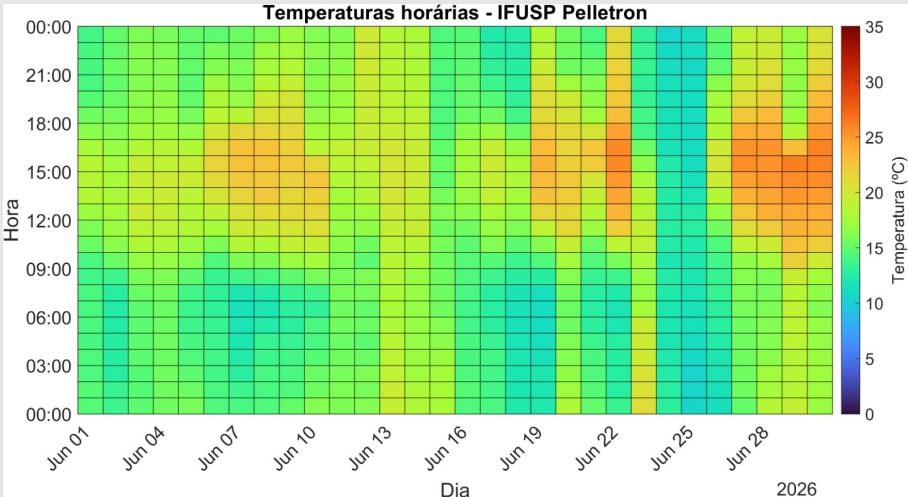


Figura 1: Temperaturas médias horárias ao longo do mês de Junho de 2026 na estação meteorológica do IFUSP, localizada no topo do Edifício Oscar Sala.

Na sequência, a Figura 2 apresenta as temperaturas horárias ao longo do mês de julho, que apresentou um comportamento no geral bastante parecido com o observado no final de ju-

nho, com mais dias ensolarados, menos precipitação, e temperaturas mais altas. O valor médio observado em julho ficou em 17,7°C (1,0°C mais quente do que em junho), e a precipitação

total foi de apenas **12,7 mm** (90% a menos do que no mês anterior). Os destaques ficam para a temperatura mais baixa registrada no mês, chegando aos 9,8°C no final da noite do dia 13/07, durante a passagem de uma frente fria, e a mais alta ocorreu na tarde do dia 29/07, com máxima de 28,4°C. Esse valor, inclusive, representa um dia muito quente para os padrões tipicamente observados em São Paulo no auge do inverno, reforçando como o mês de julho deste ano apresentou temperaturas acima do esperado para a época.

Novamente observamos a frequente entrada de brisa marítima no final da tarde, contribuindo para o aumento da velocidade do vento após às 15h. Assim como o observado em maio, durante os últimos dois meses a predominância dos ventos se deu nas direções sudeste (quando ocorre a entrada de frentes frias e brisa marítima) e noroeste (em dias de aquecimento pré-frontal), como mostrado na Figura

3. A rajada máxima observada em junho foi de **46 km/h**, reforçando a não ocorrência de fortes tempestades. Entretanto, no dia 29/07, logo após o registro do dia mais quente do mês, a passagem de um braço associado a um sistema de baixa pressão ocasionou rajadas de vento muito intensas, chegando a **68 km/h**, porém sem precipitação. Ainda em junho, notamos que 65% da chuva ocorrida no mês caiu entre os dias 23 e 24/06, devido à passagem de uma forte frente fria pela cidade, o que contribuiu para as baixas temperaturas ao longo desses dias. Por fim, a radiação média integrada no tempo, observada ao longo do mês de junho, foi de 183,6 W/m², valor 5% abaixo do observado em maio, e igual a 60% do total incidente no topo da atmosfera. Em julho, conforme predominaram dias mais limpos e o aumento gradual da duração do dia após o solstício de inverno, tivemos radiação média de 218,9 W/m², representando 68% do total incidente no topo da atmosfera.

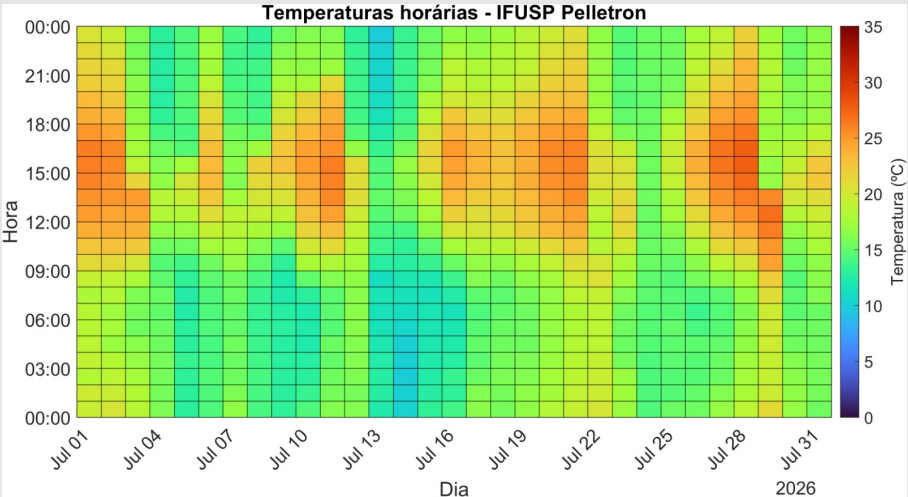


Figura 2: Temperaturas médias horárias ao longo do mês de Julho de 2026 na estação meteorológica do IFUSP, localizada no topo do Edifício Oscar Sala.

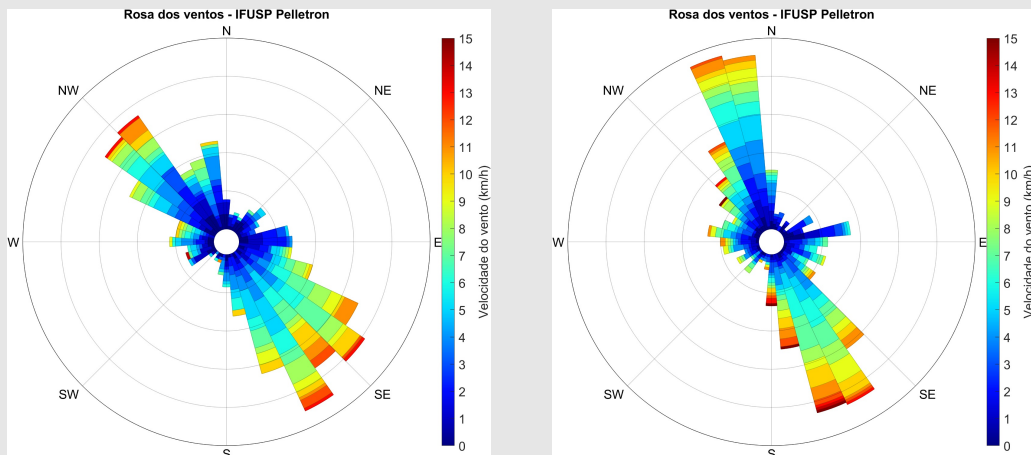


Figura 3: Rosa dos ventos para os meses de Junho (esquerda) e Julho (direita) de 2026.

Observações de outras estações meteorológicas espalhadas pela cidade de São Paulo corroboram essas conclusões, e permitem a comparação com os valores tipicamente esperados para a época do ano. A estação oficial do INMET localizada no Mirante de Santana (Zona Norte) registrou em junho uma temperatura média de **16,8°C** com **148,1 mm de precipitação**, resultando em um mês com temperaturas **0,7°C abaixo do normal**, e **precipitação 136% acima do esperado** para o período. Por outro lado, em julho tivemos temperaturas médias

de **18,0°C** com **12,6 mm de precipitação**, representando um mês com temperaturas **0,8°C acima do normal**, e **chuvas 73% abaixo do normal** para julho. A tendência esperada para os próximos meses segue os padrões observados em julho, com temperaturas acima do normal e precipitações irregulares, devido ao acoplamento da atmosfera ao intenso El Niño ocorrendo no Oceano Pacífico.

Sobre o autor:

Rafael Valiati, aluno de doutorado no Laboratório de Física Atmosférica do IFUSP.

Repasse dos Representantes Discentes

Repasse da Reunião Ordinária da Comissão Coordenadora do Curso de Licenciatura de 03/08/2026

A reunião teve cinco pautas, e começou pela primeira: Semana da Física – XI Encontro da Licenciatura. Foi atualizado para a COC o andamento da organização do Encontro, que esse ano ocorrerá com o evento guarda-chuva "Se-

mana da Física" – de 19 a 23 de outubro de 2026 – onde cada curso organizará seu próprio encontro individualmente com 3 atividades compartilhadas. Essas 3 atividades ocorrerão nos dias: segunda (19/10) com palestra de abertura do evento com tema de meio ambiente; terça (20/10) com tema de diversidade na ciência e, por fim, quarta (21/10) com tema de IA nas ciências. Além disso, o SIICUSP também ocor-

erá durante essa semana, na segunda (19/10) das 14h às 15h30 e terça (20/10) das 19h às 20h30. O coffee break será oferecido pelo Instituto na forma de kit lanche, mas a Comissão Organizadora do Encontro da Licenciatura e a COC-LIC concordam que não há como substituir o coffee break por um kit lanche, visto que esse momento nos eventos acadêmicos é reservado para a interação entre os participantes e a troca de ideias sobre trabalhos e pesquisas, sendo um espaço fundamental nesses eventos.

A segunda pauta se tratou da avaliação de disciplinas, em que um professor junto com um educador criaram um forms para os ingressantes avaliarem suas disciplinas. Essa avaliação se deu com ambos indo até a sala de aula coletar as respostas de cada estudante, ou seja, só saíram quando todos responderam. Relataram alguns problemas como professores que não liberaram tempo de aula para essa avaliação, alegando faltar tempo devido a greve. Além disso, após analisarem as respostas, observaram que as perguntas não resultaram em respostas que pudessem de fato ajudar a COC, mas mostrou dados como dificuldades em Fundamentos de Mecânica e Cálculo 1. Muitas coisas foram conversadas, mas com certeza a COC continuará tentando realizar essa avaliação a fim de melhorar o que for necessário.

A terceira pauta foi sobre a nova disciplina obrigatória referente as AEX, intitulada "Práticas em divulgação científica no contexto escolar" que entrará em vigor para os ingressantes de 2027, e os estudantes dos anos anteriores poderão cursá-la como optativa. É importante ressaltar que os estudantes que ingressaram no curso de licenciatura a partir de 2023 até 2026 não precisam realizar atividades de extensão extra, ou seja, essas horas já serão contabilizadas ao longo das disciplinas obrigatórias, somente os ingressantes de 2027 adiante que precisarão se preocupar com isso.

A quarta pauta discutiu a situação da disciplina de Fundamentos de Mecânica, que apresentou uma alta taxa de reprovação entre os estudantes e também apareceu nas avaliações realizadas com os ingressantes como uma das disciplinas em que foram identificadas maiores dificuldades. Diante disso, está sendo organizado um reoferecimento da disciplina, que será ministrado pelo Prof. André Machado Rodrigues, com aulas às quartas-feiras e sextas-feiras, das 14h às 16h. A iniciativa busca oferecer uma nova oportunidade aos estudantes que não obtiveram aprovação e contribuir para que possam dar continuidade ao curso sem que a reprovação comprometa tanto o andamento de sua trajetória acadêmica.

E por fim, a última pauta foi sobre uma estudante que sofreu violência sexual no primeiro semestre. A COC encaminhou o caso para os órgãos responsáveis e está acompanhando de perto.

Sobre os autores:

Priscila Diogo e Henrique Santos são representantes discentes da COC-Lic.

Repasse da Reunião Ordinária da Comissão de Graduação de 07/08/2026

Foi determinada a flexibilização dos requisitos para ingresso nas turmas de reoferecimento de física I e física III no segundo semestre de 2026; devido ao alto índice de reprovação associado aos desafios no período da greve. O padrão adotado é oferecer a disciplina para todos os alunos que reprovaram na última avaliação, em contraste com o oferecimento regular que exige nota mínima 3.0 para ingresso na disciplina.

O cronograma de alocação didática prevê o período de determinação das prioridades de docentes para disciplinas do primeiro semestre de 2027. No que diz respeito às disciplinas obrigatórias, em razão da superlotação observada nos últimos anos, está sendo discutido empre-

gar 2 turmas de Eletromagnetismo I e Mecânica Quântica I. Ambas as turmas, da mesma disciplina, ocorrerão no mesmo horário, com previsão de acomodar 60 alunos. Para os ingressantes no bacharelado em física médica, será introduzida como obrigatória a disciplina de TCC (trabalho de conclusão do curso), nos modelos já existentes para o bacharelado e licenciatura em física. Duas observações adicionais sobre TCC; para os 3 cursos, a disciplina passará a ser oferecida todo semestre, e os trabalhos realizados poderão passar pelo processo de serem admitidos oficialmente no acervo da biblioteca da física. Por fim, os ingressantes da licenciatura em física, também são contemplados com a nova disciplina obrigatória: Práticas em divulgação científica no contexto escolar, a partir do primeiro semestre de 2027. As duas obrigatórias entram formalmente no PPP (projeto político pedagógico) de todos os alunos destes 2 cursos, mesmo veteranos, que apesar da alteração, ainda mantêm os requisitos para formação correspondentes ao ano que ingressaram.

Sobre as disciplinas optativas, 16 disciplinas do IEE (instituto de energia e ambiente) serão atualizadas para optativas eletivas, ao invés de livre. De maneira similar, duas disciplinas do IF serão oferecidas como optativa eletiva para o curso de geofísica: 4300218 - Introdução à Física Computacional e 4300228 - Tratamento Estatístico de Dados em Física Experimental.

Sobre o autor:

Murilo Martins Trevisan é representante discente da CG.

Repasse da Reunião Ordinária da Comissão de Inclusão e Pertencimento de 11/08/2026

A reunião teve uma pauta bastante extensa, por isso os itens estão agrupados por tema.

Pedido de abertura de sindicância: uma professora quer abertura de sindicância por conta

de um bloqueio de sala de aula durante a greve. O encaminhamento foi recomendar à diretoria que aguarde o envio de material que comprove o ocorrido.

Mapeamento de TEA/TDAH: a CG solicitou à CIP um “mapeamento” de alunos no espectro autista do instituto e informação sobre iniciativas de acolhimento, acompanhamento e adaptações pedagógicas. Após alguma discussão, decidiu-se por abrir um formulário para envio de pedidos de adaptação, de acordo com a Portaria PRIP 054/2024 (a Seção de Alunos enviou emails a respeito recentemente, para alunos informando do prazo e para professores solicitando a divulgação). As adaptações serão efetuadas conforme a possibilidade. Haverá um monitor dedicado a auxiliar nessa implementação.

Protocolos e Fluxos da CIP: a CIP está elaborando protocolos para recebimento de denúncias de assédio e também para pedidos de regime de exercícios domiciliares.

Demandas de alunos: foram discutidas diversas solicitações de alunos sobre diversos tópicos, como necessidade de adaptações, pedidos de realização de provas substitutivas e de recuperação e trancamentos de matrícula.

Denúncia de assédio: foi recebida uma denúncia de assédio contra um monitor de disciplina, reincidente. A CIP está buscando informações a respeito e fará reunião com o orientador desse monitor.

Sobre o autor:

Francisco M Neto é representante discente da CIP.

N.E: A Comissão Eleitoral informou o Supernova que não teremos os repasses financeiros do CEFISMA de junho e julho nesta edição devido ao período eleitoral. Estes repasses, junto com o repasse de agosto, estarão disponíveis na próxima edição. Para mais informações, contactar a Comissão Eleitoral.

Problemas de passa-tempo

Divirta-se com alguns problemas interessantes!

Segue o problema de matemática desta edição. Caso tenha alguma proposta de solução, envie para supernova@cefisma.org.br ou boletimsupernova@gmail.com.

Infinitos maiores que outros infinitos

Um conjunto X é dito enumerável se é finito ou se existe uma função bijetora $f : X \rightarrow \mathbb{N}$.

Mostre que $\mathbb{Z}$ e $\mathbb{Q}$ são enumeráveis. Além disso, mostre que o conjunto das partes de $\mathbb{N}$ não é enumerável.

Dica: Basta mostrar que

$$f : \mathbb{N} \rightarrow \mathcal{P}(\mathbb{N}) := \{A : A \subset \mathbb{N}\}$$

não pode ser sobrejetora; pense no conjunto $\{n \in \mathbb{N} : n \notin f(n)\} \in \mathcal{P}(\mathbb{N})$.

A título de curiosidade, dado qualquer conjunto X , não podemos fazer uma bijeção entre ele e o conjunto de suas partes (a demonstração é a mesma!).

Solução do problema “Rendezvous espacial” – Boletim Supernova nº 15

Para resolver esse problema, adotamos o sistema de coordenadas centrado em O onde $\hat{x} = \hat{r}_o$, $\hat{y} = \hat{n}$, vetor normal à órbita, e $\hat{z} = \hat{x} \times \hat{y}$, que será na direção anti-paralela a velocidade de O em relação ao referencial inercial do planeta. Dessa forma, a equação de movimento no referencial girante, considerando apenas a força da gravidade, é

$$\ddot{\vec{r}} = -\omega^2 \left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3 (\vec{r} + \vec{r}_o) - 2\omega(\hat{y} \times \dot{\vec{r}}) - \omega^2(\hat{y} \times (\hat{y} \times \vec{r})),$$

lembrando que $\omega = \hat{y} \sqrt{\frac{GM}{r_o^3}}$ e $\vec{r}_o = \hat{x} r_o$. Expandindo a equação em cada componente do vetor, obtemos a EDO exata

$$\begin{cases} \ddot{x} = \omega^2(x + r_o) \left[1 - \left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3 \right] & -2\omega\dot{z} \\ \ddot{y} = -\omega^2 y \left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3 & \\ \ddot{z} = \omega^2 z \left[1 - \left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3 \right] & +2\omega\dot{x} \end{cases}$$

Para resolver de forma aproximada, expandimos $\left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3$ em uma série de potências de

$\Delta r = |\vec{r} + \vec{r}_o| - r_o$, e Δr como uma série centrada em $\vec{r} = (x, y, z) = (0, 0, 0)$, obtendo:

$$\left(\frac{r_o}{|\vec{r} + \vec{r}_o|} \right)^3 = 1 - 3\frac{\Delta r}{r_o} + 12\frac{\Delta r^2}{r_o^2} + \mathcal{O}(\Delta r^3)$$

$$\Delta r = x + \frac{1}{r_o} \frac{y^2 + z^2}{2} + \mathcal{O}(x + y + z)^3.$$

Desenvolvendo então a EDO até segunda ordem em x, y, z , temos

$$\begin{cases} \ddot{x} = \omega^2 \left[3x + \frac{3}{2} \frac{y^2 + z^2 - 6x^2}{r_o} \right] & -2\omega\dot{z} \\ \ddot{y} = -\omega^2 \left[1 - 3\frac{x}{r_o} \right] y & \\ \ddot{z} = \omega^2 \left[\frac{3xz}{r_o} \right] & +2\omega\dot{x} \end{cases}$$

Agora, nos restringindo apenas a analisar a EDO em primeira ordem, ficamos com

$$\begin{cases} \ddot{x} = 3\omega^2 x & -2\omega\dot{z} \\ \ddot{y} = -\omega^2 y & + \mathcal{O}(x + y + z)^2 \\ \ddot{z} = & +2\omega\dot{x} \end{cases}$$

Analisando essa EDO, percebemos que o eixo y é independente dos outros dois eixos, que

possuem movimento acoplado. Além disso, a velocidade angular do referencial O impõem uma escala de tempo natural, mas não ocorre o

mesmo para uma escala de comprimento. Resolvendo, obtemos

$$\begin{cases} x(t) = 4x_o - \frac{2\dot{z}_o}{\omega} + \left(2\frac{\dot{z}_o}{\omega} - 3x_o\right) \cos(\omega t) + \frac{\dot{x}_o}{\omega} \sin(\omega t) \\ y(t) = y_o \cos(\omega t) + \frac{\dot{y}_o}{\omega} \sin(\omega t) \\ z(t) = z_o + \frac{2\dot{x}_o}{\omega} + (6\omega x_o - 3\dot{z}_o)t - \frac{2\dot{x}_o}{\omega} \cos(\omega t) + \left(\frac{4\dot{z}_o}{\omega} - 6x_o\right) \sin(\omega t) \end{cases}$$

Para ter uma noção das trajetórias obtidas, a figura seguinte mostra 4 trajetórias que passam pela origem após $\Delta t = \pi/2\omega$. Perceba como a trajetória que inicia atrás da origem, $x = 0, z > 0$, precisa primeiro diminuir seu raio, para então ganhar velocidade e alcançar a origem. Já a trajetória que começa com raio maior, $z = 0, x > 0$, além de velocidade na direção $-\hat{x}$, inicialmente também possui velocidade em $\hat{z}$, de forma que ao descer para uma órbita de menor raio e ganhar velocidade, esta compense a velocidade na direção contrária da órbita. A segunda figura mostra outras trajetórias para alcançar a origem estando atrás dela, a depender da du-

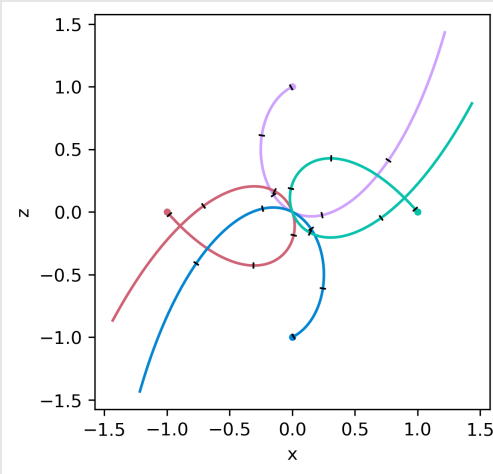
ração da manobra. Perceba como no caso de $\Delta t = 2\pi/\omega$, a velocidade inicial para alcançar a origem é na direção oposta ao vetor $\vec{r}$.

Referências

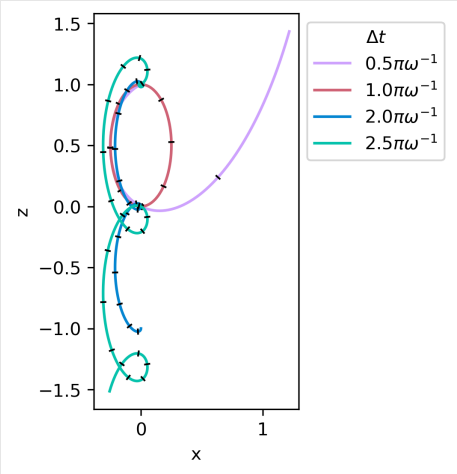
LUO, Yazhong; ZHANG, Jin; TANG, Guojin. Survey of orbital dynamics and control of space rendezvous. **Chinese Journal of Aeronautics**, v. 27, n. 1, p. 1-11, 2014.

CLOHESSY, William H; WILTSHIRE, R. S. Terminal guidance system for satellite rendezvous. **Journal of the aerospace sciences**, v. 27, n. 9, p. 653-658, 1960.

Sobre o autor:
Hugo Menhem é aluno do bacharelado e gosta de mecânica orbital.



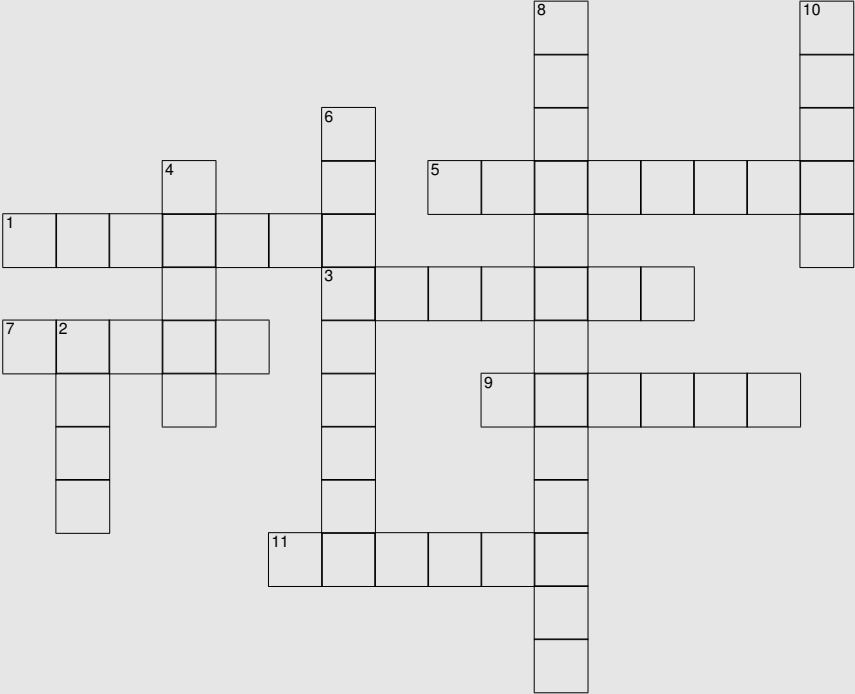
(a) Trajetórias que passam pela origem após $\Delta t = \pi/2\omega$, em diferentes posições relativas à origem



(b) Trajetórias que alcançam a origem partindo de um ponto atrás dela, variando o tempo de chegada.

Palavra Cruzada

Nesta palavra cruzada, desafiemos seus conhecimentos gerais sobre nomes e termos tanto da física quanto da vida IFUSPiana. Converse com seus amigos e tente resolver! Traremos a solução na próxima edição.



Horizontal

1 $F(k) = \int_{-\infty}^{\infty} f(x)e^{-2\pi i k x} dx$. 3 Generalizado. $\frac{\partial L}{\partial q}$. 5 (não) começa com A e (nem) termina com AAAAAA. 7 Técnica de caracterização da estrutura eletrônica de sólidos resolvido em ângulo. 9 Estado do tungstênio em 6667K. 11 Físico brasileiro presente na bibliografia de Física I.

Vertical

2 circunferência dividida por 2π . 4 Solução de $LG(x, x) = \delta(x - x)$ para resolver a equação diferencial $Lu(x) = f(x)$. Função. 6 Oscilador. 8 Método para achar raízes de uma função real. $x_{n+1} = x_n - \frac{f(x_n)}{f'(x_n)}$. 10 Modelo de Mecânica Estatística que recentemente completou 100 anos.

Solução Palavra Cruzada – Boletim Supernova nº 15

Horizontal 1 Marie 3 Kuhn 4 Noether 5 LaTeX 7 Spin 9 Coulomb

Vertical 2 Heisenberg 6 Sorvetão 8 FFCL 10 Ademir 11 Boltzmann

Mural de Avisos

Avisos para você não ficar de fora!

O Mural de Avisos serve como um lugar para colocar recados e divulgar eventos. Caso queira colocar algo no Mural de Avisos da próxima edição, envie no formulário do Boletim Supernova, no email supernova@cefisma.org.br ou para algum dos editores.

Consulta | Sala de Estudos

Comunicação IFUSP

Comunidade IFUSP,

Queremos consultar a preferência de nossos estudantes a respeito da localização de sua **sala de estudos**.

Atualmente, esse espaço está localizado no Ed. Principal, piso “Rua do Matão”. Caso haja interesse da comunidade, é possível realizar a **troca** e restabelecer como sala de estudos o espaço contíguo à Biblioteca. Por ser uma sala fora do edifício, ela terá uma restrição em seu horário de funcionamento (conforme descrito abaixo).

Informamos também que, para ambas as possibilidades, **o mobiliário disponibilizado será o mesmo e a disposição será no formato de “salão”**: não haverá reconstrução de divisórias ou saletas de estudo em grupo. A metragem do espaço a ser disponibilizado ao lado da Biblioteca também é equivalente e ambos os espaços terão cobertura de rede adequada.

Com essas informações, por favor vote (por meio do QR-code ao lado) no espaço que acha mais interessante para constituir a sala de estudos. **Atenção: apenas UM dos espaços poderá ser mantido para esta finalidade.**

ESPAÇO 1

(localização atual da sala de estudos)

- Área 137m²
- Localizada no Ed. Principal, piso Rua do Matão.
- Permanece **aberta (com acesso via catraca) 24h ao dia, 7 dias por semana**.

ESPAÇO 2

(salão ao lado da entrada da Biblioteca)

- Área 137 m²
- Localizada ao lado da Biblioteca do IFUSP, com entrada pelo vão livre.
- Sala permanecerá **aberta das 08h às 23h, de segunda a sexta-feira**, sem controle de acesso.

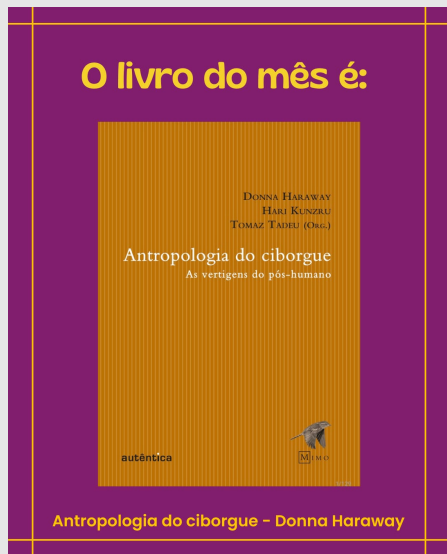
Para votar, basta acessar:



<https://portal.if.usp.br/imprensa/pt-br/node/4958>
(este link foi enviado por email para os estudantes do IFUSP)

Clube do Livro da Física

Coletivo Feminista Elisa Frota

**Agora a física tem um clube do livro!**

O Clube do Livro da Física faz reuniões mensais com trocas de livros e discussões sobre o livro do mês.

O livro do momento é **Antropologia do Ciborgue** por Donna Haraway.

Todos estão convidados a participar, pretendemos criar um ambiente de discussão com diversos temas sociais e para isso contamos com todos os coletivos e estudantes da física.

Para mais informações, contactar o Coletivo Feminista Elisa Frota por email coletivo-elisafrota.if@gmail.com ou pelo *instagram* [@coletivofrota.if](https://www.instagram.com/coletivofrota.if).

VIII Escola de Inverno Jayme Tiomno

Grupo Noether



A **Escola Jayme Tiomno** é um evento organizado por estudantes do Instituto de Física da Universidade de São Paulo que tem como objetivo promover **minicursos e experiências que conversam com o mundo acadêmico** e vão além do que a graduação pode oferecer.

A VIII Escola Jayme Tiomno ocorrerá de **07 até 11 de setembro** de 2026.

Para mais informações, acesse o *instagram* do Grupo Noether ([@gnoether_](https://www.instagram.com/gnoether_)) ou o site em <https://gnoether.github.io/>.

Calendário Eleitoral CEFISMA

Comissão Eleitoral

Agosto 2026						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
Formação de chapa						
17	18	19	20	21	22	23
Campanha						
24	25	26	27	28	29	30
Sabatina						
31	Urnas abertas					

O CEFISMA (Centro Acadêmico do IFUSP) está em **período eleitoral**. A Comissão Eleitoral recebeu **uma (1) inscrição de chapa e esta inscrição foi homologada**. Acima estão marcados os principais eventos, com destaque à **sabatina com chapa** (Cefisma Popular) na **terça-feira (25/08) das 17h30 até 19h30** (com local à confirmar). Para mais informações, acesse o *instagram* do CEFISMA, @cefisma.

Newsletter do Supernova

Equipe Supernova

Gostaria de receber a **versão online do Boletim Supernova na sua caixa de email todo mês?**

A Equipe Supernova montou a *newsletter* do Supernova, que é justamente o **Supernova online enviado por email** para você (assim como acontece com o BIFUSP - o Boletim Informativo do IFUSP).

Para participar da nossa *newsletter*, basta enviar seu email por meio do **formulário disponível no QR-Code ao lado**.



<https://forms.gle/WQYj67xxnHcoTQQA9>

Me conta, SUPERNOVA!

Além de editores, também cultuamos a arte em suas várias facetas. Nessa seção, trazemos algumas resenhas de obras que a equipe Supernova apreciou.



Dias Perfeitos (2023)

Diretor: Wim Wenders

Dias perfeitos é a personificação metalinguística do eterno retorno de Nietzsche, pois ao nos mostrar com o toque suave da arte e da beleza a repetição da vida, nos constrange a pausa e a reflexão que nasce de contemplar a própria existência e suas idiossincrasias.

O processo narrativo, passa por cenários, rotinas e sons familiares, que nos ancoram na sobriedade do presente, nos distanciando da mera performance e nos fazendo, abraçar a sublime beleza do toque, do beijo, do sol e da chuva, a narrativa e a fotografia são um misto de beleza e poesia capazes de mudarem os rumos de uma consciência inerte, que pode ver então na pausa, que o cotidiano é de fato o real glorioso.

Por: Douglas J. Vieira



بنسى و بتذكر

I remember I forget (2025)

Artista: Yasmine Hamdan

Tem um certo tempo que queria escutar algum álbum de música alternativa de fora do eixo europa-américas e, nesta procura, encontrei a Yasmine Hamdan através de uma indicação da internet. Escutei boa parte de sua discografia e me apaixonei, principalmente pelo seu álbum mais recente "I remember I forget".

Este álbum é recheado de músicas que roubam sua atenção por completo e te fazem sentir vivo. Cantado em árabe, o álbum se comunica universalmente com os não falantes por um som revigorante e envolvente. Das faixas, "Shadia" e "I remember I forget" são as minhas preferidas.

Por: Triz Persoli



Vela Supernova complex – a 4 panel mosaic.

Expediente

Boletim Supernova
Edição 16
Agosto de 2026
supernova@cefisma.org.br
boletimsupernova@gmail.com

Revisão Geral
Elisa Torrecilha
Triz Persoli

Formatação

Triz Persoli
Hugo Menhem
Maria Dressano

Versão Online
Elisa Torrecilha
Triz Persoli

**Problemas
Passatempo**
Hugo Menhem

(problema de física e palavra
cruzada)
Gabriel Meneghel
(problema de matemática)
Marcos Santana
(problema de matemática)
Triz Persoli
(palavra cruzada)

Newsletter

Elisa Torrecilha

Template $\LaTeX$
Francisco M. Neto
Elisa Torrecilha
Guilherme Aciron

Astrofotografia
Olga Ismael
(Instagram @olga.backyard)